ÍNDICE

RESUMO 1
Palavras-chave 1
ABSTRACT 1
Keywords 1
1. FINALIDADE 2
2. CONCEITO(S) DE BASE 2
3. BREVE BIOGRAFIA DE JOHN SYDNEY McCAIN III 3
4. A CARREIRA MILITAR DE JOHN McCAIN 4
5. PRISIONEIRO DE GUERRA 7
6. O VETERANO JOHN McCAIN 10
7. REFLEXÕES SOBRE A VIDA DE JOHN McCAIN 11
8. CONCLUSÕES 14
BIBLIOGRAFIA 16
POSFÁCIO DE AUTOR 17

JOHN MCCAIN: O MILITAR QUE SERVIU A AMÉRICA E DEIXOU UM EXEMPLO AO MUNDO

JOHN MCCAIN: THE MILITARY MAN WHO SERVED AMERICA AND LEFT AN EXAMPLE TO THE WORLD

Nuno Miguel dos Santos Rosa Calhaço
Major de Artilharia
Docente da AECCA/DEPG/IUM
Investigador Integrado do CIDIUM
1400-287 Lisboa
calhaco.nmsr@ium.pt

RESUMO

O presente ensaio procura avaliar a influência que a carreira militar de John McCain, como oficial da Marinha norte-americana, trouxe à sua vida, a qual contribuiu para o seu protagonismo como político e estadista norte-americano, em nome da defesa dos ideais democráticos, da liberdade, dos direitos humanos e na proteção da sua pátria. Este trabalho procura, através de uma breve biografia da vida militar de John McCain e com o recurso a um modelo de análise, estruturado em três vértices – descrição de factos mais relevantes, uma avaliação da sua atuação e uma síntese conclusiva, tecer as principais considerações sobre o seu percurso militar no seu legado como político. Concluiu-se que John McCain foi um acérrimo defensor dos direitos humanos e da liberdade dos povos do século XXI, contra regimes opressores, defendendo, em permanência, o patriotismo do povo norte-americano, tornando-se um exemplo para estadistas, políticos, diplomatas, empresários, militares e cidadãos. A sua sólida formação humana e militar, bem como as suas origens familiares militares, tornou-o num embaixador da estratégia dos EUA no mundo e num reputado protagonista global.

Palavras-chave

McCain, Marinha, prisioneiro de guerra, Vietname, Guerra Fria.

ABSTRACT

This essay attempts to assess the influence that John McCain's military career as an American Navy officer brought to his life, which contributed to his prominence as an American politician and statesman, in the defence of democratic ideals, freedom, human rights and the protection of their homeland. This paper looks for a brief biography of John McCain's military life and uses a model of analysis, structured in three vertices - a description of the most relevant facts, an evaluation of its performance and a conclusive synthesis, to point the main considerations about his military career in his legacy as a politician. It was concluded that John McCain was a staunch defender of the human rights and freedom of the peoples of the 21st century, against oppressive regimes, permanently defending the patriotism of the American people, becoming an example for statesmen, politicians, diplomats, businessmen, military and citizens. His solid human and military background, as well as his military family origins, has made him an ambassador for US strategy in the world and a global prominent.

Keywords

McCain, Navy, Prisoner of War, Vietnam, Cold War.

1. FINALIDADE

O presente ensaio procura trazer a conhecimento o legado do Senador John McCain, falecido no passado dia 25 de agosto devido a um glioblastoma no cérebro, na perspetiva de prestar um tributo ao militar que influenciou a sociedade norte-americana e mundial[1]. Militar e político, John McCain foi um homem que se destacou pelos seus valores e pelos princípios "construídos" durante a sua infância e durante a sua carreira como militar, os quais tiveram eco nos Estados Unidos da América (EUA) e por todo o mundo, granjeando a estima e o respeito de camaradas de armas, de colegas e de opositores políticos, bem como da comunidade global. Neste sentido, importa revelar como a sua formação militar poderá ter contribuído para o estatuto obtido, através da interferência do seu percurso militar na sua vida política, que influenciou os destinos dos EUA. Procuraremos: (1) identificar os principais momentos da sua formação militar; (2) analisar os eventos mais marcantes da sua carreira como piloto de caças da Marinha dos EUA; (3) avaliar como a sua condição de prisioneiro de guerra afetou a sua vida militar; (4) avaliar como o seu "estatuto" de ex-prisioneiro de guerra se repercutiu na sua carreira política e na política externa dos EUA; (5) e argumentar o importante papel da formação militar como princípio ético para um líder e decisor, militar ou civil. Esta abordagem enquadra-se no domínio de investigação do estudo das Crises e dos Conflitos Armados, na subárea da História Militar, a qual infere com os outros instrumentos de poder[2].

2. CONCEITO(S) DE BASE

– Líder Militar.

Para caracterizar um líder militar, importa ter presente algumas das suas principais características, tais como, segundo Charan (2018): (1) a ambição, como característica castrense que lhe permite conseguir algo "visível" e sempre acima do que tem em cada momento, de forma íntegra e honesta; (2) o espírito de iniciativa, de tenacidade e de resiliência, no sentido de procurar as melhores soluções com perseverança até as atingir, conduzindo os processos em curso; (3) a autoconfiança como fator potenciador de coragem, perante os perigos existentes, revelando capacidade de decisão e pouco receio em falhar; (4) uma "abertura psicológica", ao poder ter a possibilidade de ser influenciado por outros e poder transmitir a sua ideia de forma aberta, aumenta o conhecimento, evitando problemas diversos e garantindo várias opiniões sobre um mesmo assunto ou problema; (5) ser realista, mantendo um posicionamento central entre uma lógica otimista e pessimista; (6) vontade de aprender, mesmo em ambientes de elevada complexidade, estando capazes de ser expostos a situações diversas.

– Prisioneiro de Guerra

A Convenção de Genebra relativa ao tratamento de prisioneiros de guerra, aprovada em agosto de 1949, pela Organização das Nações Unidas, caracteriza essa "condição" como pessoas que caíram em controlo físico por parte do seu inimigo, como membros das forças armadas de uma fação ou de um país em conflito, bem como membros de milícias e voluntários que façam parte desse conflito (UN, 1949, pp. 2-3).

---

[1] O presente ensaio contou com os prestimosos contributos do Sr. Coronel Matos Tendeiro, do Major Pinto Correia e do Major Fernando Ribeiro, docentes da Área de Ensino das Crises e dos Conflitos Armados, aos quais agradeço todo o apoio prestado.

[2] Como aconteceu no campo político-diplomático, económico e social (psicológico).

O papel do líder militar quando confrontado com a experiência de prisioneiro de guerra, em ambiente conflitual, destaca algumas das características do ser humano, pelo que existe a necessidade de aplicação do instrumento militar de forma consciente e proporcional, como contribuinte para a estabilidade e para a paz no mundo, pois é esse o seu objetivo último. No entanto, importa esclarecer como pode, o papel "cívico" de um militar, contribuir para a estabilidade e para a paz internacional, e como poderá a ética militar, legitimar a concretização da paz, através de outros instrumentos de poder?

3. BREVE BIOGRAFIA DE JOHN SYDNEY McCAIN III

John Sidney McCain III, nasceu a 29 de agosto de 1936 na Base Naval de Coco Solo, no Panamá, então território norte-americano. Segundo filho de John Sidney McCain Jr. (Jack) e de Roberta Wright, John McCain foi, também, filho e neto de dois almirantes da Marinha dos EUA[3], os quais participaram na II Guerra Mundial (II GM). A sua ligação com o mundo militar remonta aos seus antepassados, os quais participaram como oficiais do Exército norte-americano, ao lado de George Washington, na Revolução Americana, na Guerra Civil Americana, ao lado dos confederados, na Revolução Mexicana[4] e na I Guerra Mundial. A ligação por laços matrimoniais com a família Young, de origem escocesa, concorreu para o protagonismo dos McCain como família de origem militar, a qual manteve uma forte conexão com o estado-maior de George Washington, durante a luta pela independência dos EUA (Povich, 2009, pp. 1-2).

A escolaridade básica de John McCain iniciou-se na St. Stephen's School e na Episcopal High School, em Alexandria, no Estado da Virgínia, nos EUA, entre 1946 e 1951, respetivamente, tendo finalizado os seus estudos em 1954. Neste último estabelecimento de ensino, obteve uma forte influência por parte do Professor William Ravenel, um antigo militar que serviu às ordens do General George Patton durante a II Guerra Mundial, e que o marcou durante a sua juventude, tornando-se uma das suas principais referências. Apesar de ter sido um aluno pouco aplicado, John McCain sempre revelou um interesse especial pela história e pela literatura (Alexander, 2003, pp. 21-27).

Após a conclusão da sua escolaridade secundária, ingressou na Escola Naval dos EUA, ainda em 1954, em Annapolis, no Estado do Maryland, mantendo a tradição do seu pai e avô. Mais uma vez, apesar de manter um reduzido interesse nas várias matérias académicas, John McCain revelou-se um cadete com elevado sentido ético, com uma forte personalidade e frontalidade, mantendo o respeito, a lealdade e a justiça[5], acima de tudo, entre pares e superiores. Desde os tempos de estudante, foi um estudioso de matérias relacionadas com a história, com o mundo militar e com a administração pública, como salientou um dos seus mais próximos amigos e companheiro de quarto, Frank Gamboa (Povich, 2009, pp. 14-15).

Após ter concluído o seu curso, casou com Carol, em 1965, perfilhando os dois filhos desta, oriundos de um primeiro casamento, Andrew e Douglas, e tendo a sua primeira filha, em 1966, de nome Sidney Ann. Este matrimónio durou até fevereiro de 1980, ano em que se divorciou, algum tempo depois

[3] O avô paterno, John Sidney "Slew" McCain Sr., foi Almirante de quatro estrelas e comandante da *Task Force 38*, no Pacífico, durante a II Guerra Mundial, vindo a falecer um dia depois de ter chegado a casa, após o fim do referido conflito. O seu pai, John Sidney McCain Jr., foi, durante a II Guerra Mundial, comandante do submarino norte-americano *Gunnel*, tornando-se, mais tarde, também, Almirante e comandante da frota naval dos EUA estacionada no Pacífico, durante a Guerra do Vietname (Editors, 2018).

[4] Por intermédio do Major-general Henry Pinckney McCain.

[5] É exemplo deste comportamento o caso de confrontar o seu próprio comandante de companhia após este o ter submetido a praxes.

da sua chegada como prisioneiro de guerra do Vietname (Alexander, 2003, pp. 32-33)[6]. Em 1980, John McCain, com 42 anos, durante o seu trabalho no Senado, conheceu Cindy Lou Hensley, tendo ambos casado em maio desse ano, resultando deste matrimónio quatro filhos, Meghan, John Sidney McCain IV (Jack)[7], Jimmy e Bridget.

Após a morte do seu pai, em março de 1981, John McCain mudou-se para o Estado do Arizona com Cindy, passando, a partir daí, a construir a sua carreira política, a qual o levou a abdicar da sua carreira militar, mas que o catapultou para o Congresso, para o Senado e à candidatura republicana à presidência dos EUA, em 2000 e em 2008.

Faleceu no passado dia a 25 de agosto, em Cornville, no Estado do Arizona, com 81 anos de idade, devido a um glioblastoma diagnosticado no cérebro, tendo-se despedido das suas funções no Congresso em julho de 2017. Foi sepultado no cemitério da Marinha dos EUA, em Annapolis, onde iniciou a sua carreira como militar e que muito o dignificou, ao lado de um dos seus camaradas de curso, Chuck Larson[8].

4. A CARREIRA MILITAR DE JOHN McCAIN

A sua carreira militar iniciou-se com a entrada na Academia Naval dos EUA, em 1954, tendo concluído o seu curso em 1958 (Figura 1). John McCain enraizou, a partir de então, importantes princípios e valores humanos, tais como a honra, a coragem e a devoção à pátria, à hierarquia e à segurança da paz no mundo. Após ingressar na Marinha dos EUA, foi destacado, com o posto de Tenente, para a escola de pilotagem aeronáutica da Marinha dos EUA, em Pensacola, no Estado de Filadélfia, tendo iniciado o curso de pilotagem de aeronaves de combate. Teve o seu primeiro acidente durante uma aterragem, ao embater contra a Corpus Christi Bay, sem ter, no entanto, sofrido quaisquer ferimentos, e não o impedindo de continuar a voar (Alexander, 2003, p. 32).

Figura 1 – Fotografia de John McCain, junto dos seus pais, em 1958.

Fonte: Foster e Fellman (2018).

[6] Apesar da separação, ambos mantinham um contacto próximo, tendo John McCain sempre sido apoiado pela sua ex-mulher, em especial, durante a sua candidatura à Casa Branca, em 2008.
[7] O seu filho, John Sydney McCain IV, é piloto de helicópteros da Marinha dos EUA.
[8] John McCain pretendia, quando falecesse, que fosse sepultado ao lado do seu camarada de armas, o Almirante Chuck Larson, falecido em julho de 2014 (Burkitt, et al., 2018).

Na sua primeira comissão de serviço foi destacado para o Mar Mediterrâneo, numa série de exercícios, embarcado no porta aviões *USS Enterprise*, em 1960. Neste período teve a oportunidade de realizar missões de treino junto à Península Ibérica e nas imediações dos países do Norte de África, treinando os procedimentos de fuga e evasão, que constituíam parte da formação dos pilotos da Marinha dos EUA. Esta preparação foi reforçada pela experiência comunicada por um ex-piloto dos EUA, que havia sido prisioneiro de guerra durante a Guerra da Coreia (Povich, 2009, p. 19).

Passado este período de treino no voo de aeronaves de combate, em outubro de 1962, John McCain regressou a Norfolk, participando num dos momentos mais conturbados da Guerra Fria: a crise dos mísseis de Cuba. Após o início desta crise, o *USS Enterprise*, que estava a chegar aos EUA proveniente do Mediterrâneo, foi destacado para a região do Mar das Caraíbas, tendo ficado durante largas semanas numa das frentes de combate da Guerra Fria, a qual poderia degenerar numa "III Guerra Mundial". John McCain e os restantes pilotos, com reduzida experiência de combate, encontravam-se ansiosos por voar em missões reais, o que não se veio a verificar (Alexander, 2003, p. 32; Povich, 2009, pp. 20-21).

Em 1964, regressou a Pensacola, então como instrutor, tendo, logo de seguida, sido transferido para a Base Aérea da Marinha dos EUA, em Meridian, no Estado do Mississipi, designado por *McCain Field*, nome do seu avô (Povich, 2009, p. 22). Em 1965, durante um voo regular numa aeronave, John McCain teve um novo acidente de aviação, junto a Norfolk, no Estado da Virgínia, devido a uma falha no motor, tendo-se ejetado sem sofrer quaisquer ferimentos tendo a referida aeronave se despenhado numa zona rural, sem provocar danos significativos (Alexander, 2003, p. 33).

Em 1965, depois do casamento com Carol, John McCain iniciou a sua preparação para a Guerra do Vietname (Figura 2), tendo, em setembro de 1966, iniciado a sua qualificação técnica em Jacksonville, tendo sido destacado para a Área de Operações, somente, em 1967, embarcado no porta-aviões *USS Forrestal* (Povich, 2009, p. 24).

Figura 2 – Fotografia de John McCain, junto a uma aeronave dos EUA, em 1965.

Fonte: NBC (2018).

Durante a Guerra do Vietname, John McCain, com 31 anos de idade, desempenhou dezenas de missões de combate, pilotando vários tipos de aeronaves. Durante uma das suas primeiras missões operacionais, John McCain sobreviveu a um incidente ocorrido a bordo do *USS Forrestal*, em 29 de julho de 1967, quando um incêndio, que começou no seu A-4 Skyhawk (Figura 3), devido a um disparo fortuito de um míssil, motivado por uma falha elétrica numa outra aeronave que se preparava para uma missão de bombardeamento. Este incidente ocasionou uma série violenta de explosões no deque desse porta-aviões, devido ao rebentamento pelo fogo de várias bombas de 1.000 libras, incapacitando o navio para operações aeronavais durante um largo período de tempo, devido aos profundos estragos resultantes, acidente que causou a morte a 134 militares e ferindo outros 162 (Walton, 2018).

Figura 3 - Momento do início do incêndio no *USS Forrestal*, a 29 de julho de 1967, na aeronave de John McCain.

Fonte: Walton (2018).

Após este acidente, ainda em 1967, John McCain foi transferido para o *USS Oriskany*, demonstrando, à semelhança de outros pilotos, a vontade de continuar a combater pelo seu país, em missões de bombardeamento e ataque ao solo, no sentido de destruir a máquina de guerra norte-vietnamita, num momento decisivo desta campanha militar. Por outro lado, os militares norte-americanos confrontavam-se com a diminuição do apoio por parte da sua população na continuação do conflito no Vietname, sobretudo proveniente do meio estudantil, criando um clima de incapacidade perante esse facto nos militares destacados e em operações naquele cenário de guerra, tendo John McCain e um elevado número de outros militares, mantido o espírito de resiliência numa vitória dos EUA neste conflito (Alexander, 2003, p. 41; Povich, 2009, p. 29).

Foi neste ambiente de escalada do conflito, visando a vitória dos EUA sobre os norte-vietnamitas, que John McCain iniciou, a 26 de outubro de 1967, a sua 23ª missão de bombardeamento aéreo sobre objetivos norte-vietnamitas. Desta feita, o objetivo que lhe foi atribuído visava a destruição de uma estação de energia elétrica em Hanói, alvo remunerador, que estava protegido por uma complexa e eficiente malha de defesa antiaérea, de origem soviética. Apesar do perigo da missão atribuída, John McCain, pilotando um A-4 Skyhawk, descolou do porta-aviões *USS Oriskany*, no sentido de cumprir a sua missão, sabendo que teria de enfrentar muitas dificuldades face aos *Surface-to-Air-Missiles* (SAM) soviéticos (Povich, 2009, p. 30).

Apesar do perigo, John McCain cumpriu a sua missão ao destruir o objetivo junto a Hanói, tendo, no entanto, desde cedo, sido detetado e seguido por radares dos mísseis SAM norte-vietnamitas, os

quais, logo após McCain ter disparado os seus mísseis, atingiram a sua aeronave, danificando a asa do seu A-4 Skyhawk e fazendo-o cair em território norte-vietnamita (McCain & Salter, 1999, p. 188). Segundo Povich (2009, pp. 30-31), John McCain poderia ter evitado o abate da sua aeronave, através de manobras evasivas, mas decidiu cumprir a sua missão, destruindo o objetivo atribuído e, só depois, tentar sair daquele "inferno"[9]

5. PRISIONEIRO DE GUERRA

Após a aterragem no Lago Truc Bach, em Hanói, começou, de imediato, a sua luta pela sua sobrevivência, primeiro ao lutar para sobreviver ao afogamento no referido lago, pois os ferimentos provocados pela ejeção da aeronave incapacitaram-no de insuflar o seu colete de flutuação (Povich, 2009, p. 34). Num segundo momento, pela sua captura por parte de elementos norte-vietnamitas que haviam seguido o abate da sua aeronave (Figura 4), tendo, após a retirada do lago, sido agredido por populares e feito prisioneiro de guerra. Foi transportado para o estabelecimento prisional de Hoa Lo, em Hanói[10], em estado de inconsciência e, quando consciente, em profunda dor e agonia, sobretudo devido ao estado crítico da sua perna direita, suplicando aos seus captores para o levarem para um hospital (Alexander, 2003, p. 49).

Figura 4 – Momento da captura de John McCain, no Lago Truc Bach, em Hanói, a 26 de outubro de 1967.

Fonte: Stripes (2018).

Somente com o início do interrogatório, após ter sido identificado como filho de um almirante da Marinha norte-americana[11], é que John McCain foi transferido para um hospital para ser tratado dos seus ferimentos. Inicialmente, nos EUA, foi dado como desaparecido em combate e, posteriormente, como capturado pelos norte-vietnamitas. Após ter recebido tratamento hospitalar e iniciado várias cirurgias para tratar a sua perna direita, a propaganda norte-vietnamita explorou o mediatismo do prisioneiro de guerra John McCain, filho de uma almirante norte-americano, através de uma entrevista

[9] Após o abate da aeronave, John McCain ejetou-se da aeronave, embatendo violentamente contra a aeronave e fraturando o seu braço direito em três partes, o seu braço esquerdo e a sua perna direita (Povich, 2009, p. 33).
[10] Segundo John Hubbell, citado por Povich (2009, p. 34), "Nenhum americano chegou a Hoa Lo em piores condições físicas do que McCain" (tradução nossa).
[11] Neste período, o seu pai, Jack, era o Comandante em Chefe das Forças Navais dos EUA, na Europa, estando localizado em Londres.

concedida ao jornalista francês François Chalais, tudo organizado pelo responsável pelas prisões vietnamitas, "The Cat". Logo nesta entrevista, a exploração mediática deste norte-vietnamita foi acutilante para com John McCain (Figura 5), chantageando-o no sentido de levar o norte-americano a expressar para o jornalista mensagens sobre a realidade dos factos do seu tratamento, como mensagens de bondade para com os prisioneiros de guerra por parte dos norte-vietnamitas. Nesse sentido, John McCain não contribuiu para o discurso norte-vietnamita de "humanidade" no tratamento dos prisioneiros de guerra, evitando o funcionamento psicológico de uma campanha de desinformação sobre a população dos EUA que levasse à retirada norte-americana do conflito (Povich, 2009, p. 36).

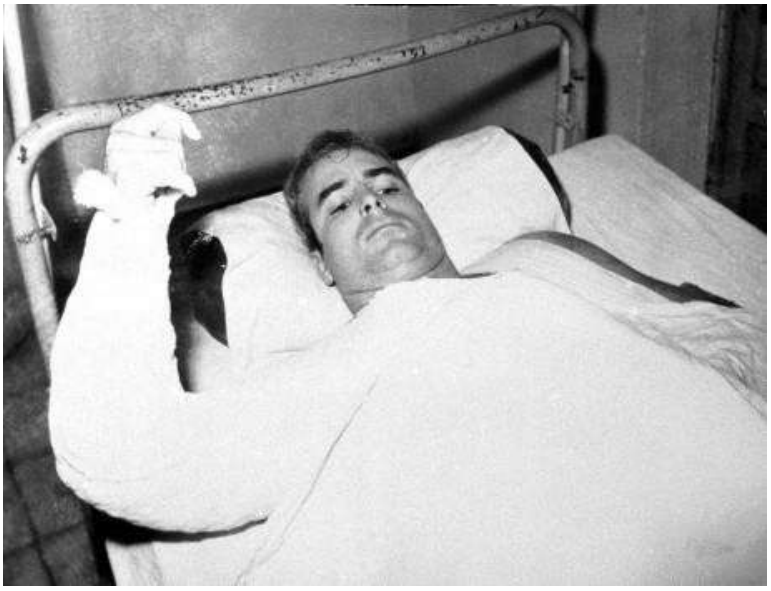

Figura 5 – Foto de John McCain, no hospital vietnamita, em Hanói, durante a entrevista ao jornalista François Chalais.

Fonte: Ross (2018).

Após terem sido efetuados os tratamentos essenciais e tendo recuperado alguma da sua capacidade, John McCain foi transferido, ainda em estado grave, para a prisão norte-vietnamita *The Plantation*, nas imediações de Hanói. A partir deste local, John McCain conheceu a realidade dos prisioneiros de guerra norte-americanos capturados e sujeitos a práticas diversas de tortura, humilhação e privação. Ao partilhar a cela com o Coronel George Day e o Major Norris Overly, ambos pilotos da Força Aérea dos EUA, estes garantiram-lhe o tratamento possível e adequado face ao seu estado de saúde. Ainda assim, John McCain procurou saber como é que os seus concidadãos estavam e conseguiam sobreviver àquele "mundo" (Alexander, 2003, p. 53).

Após algum tempo, enquanto recuperava e melhorava a sua condição física, durante uma amnistia de prisioneiros de guerra, Norris Overly ofereceu-se para ser um dos visados para ser libertado, o que contrariava o código de conduta existente dos prisioneiros de guerra, onde os primeiros a sair do cativeiro seriam os prisioneiros de guerra com maior tempo nessa condição. John McCain aceitou a decisão de Overly, mas rejeitou contrariar o referido código, tendo iniciado uma campanha de contestação contra os norte-vietnamitas do campo, criticando-os, tal como fizera anteriormente durante a sua formação como cadete, o que o levou a viver dois anos numa cela solitária, sem quaisquer contactos com os restantes prisioneiros de guerra. Nesta situação, a comunicação só foi possível através de códigos de toques, entre prisioneiros, e através da colocação de copos contra a parede da cela,

permitindo-lhe durante esses anos comunicar com Ernie Brace, um preso civil suspeito de trabalhar para a *Central Intelligence Agency*, com quem trocou informação. Como o próprio John McCain referiu, "(…) o mais importante para sobreviver é comunicar com alguém (…)"[12] (Povich, 2009, pp. 38-39).

Em junho desse ano, na prisão *The Plantation*, John McCain e alguns prisioneiros de guerra tiveram uma reunião secreta que visava a sua saída do cativeiro para ser entregue às autoridades norte-americanas, sob proposta do Presidente dos EUA, Lindon Johnson (Alexander, 2003, pp. 57-58). McCain encontrava-se em piores condições de saúde tendo, no entanto, recusado a proposta oferecida, cumprindo o código de conduta militar que previa "a não aceitação de favores especiais", sem saber, à época, do novo cargo do seu pai[13] e do pedido da sua esposa, Carol, para a sua libertação (Povich, 2009, p. 41).

Esse ato irritou os norte-vietnamitas, que castigaram, severamente, John McCain durante quatro dias, sendo brutalmente espancado durante o dia e permanecendo, durante a noite, amarrado e suspenso em cordas, em sofrimento, levando-o à exaustão e agravando os seus ferimentos (Alexander, 2003, p. 60)[14]. Perante isto, John McCain tentou suicidar-se, mas, sem o conseguir, concordou em testemunhar perante a propaganda norte-vietnamita que havia cometido crimes de guerra contra civis, facto que o perturbou para sempre, pois segundo o mesmo estava a ir contra "(…) os seus compatriotas, o seu país e o seu serviço". Mas, como refere John McCain, citado por Povich (2009, p. 41), "Todo o homem tem um ponto de rutura, e eu atingi o meu (…)"[15].

Após um ano e meio nesse ambiente, John McCain passou, novamente, pela prisão de Hoa Lo, a partir do Natal de 1968 e durante cerca de três anos, mantendo-se junto dos outros prisioneiros de guerra e assistindo com satisfação aos bombardeamentos sobre Hanói dos B-52 americanos, sem que os SAM pudessem fazer algo, tornando-se num dos principais líderes da resistência norte-americana (Foster e Fellman, 2018).

A partir de 1968, com a presidência de Richard Nixon, iniciou-se o processo de pacificação com o Vietname do Norte, sob orientação de Henry Kissinger, processo esse que só se concluiu em janeiro de 1973. Nesta altura, John McCain foi, novamente, levado para a prisão *Plantation*, coincidindo com o momento da visita de trabalho de Kissinger a este país, na qual foi proposta à delegação norte-americana a libertação imediata do prisioneiro de guerra John McCain. Não obstante a possibilidade de libertação de mais um prisioneiro, Kissinger recusou a proposta apresentada, tendo John McCain ficado grato por esse ato, segundo o seu testemunho, citado por Paul Alexander (2003, p. 74), pelo que pretendia "ser o último homem a sair".

A sua libertação só aconteceu a 14 de março desse ano, tendo sido libertado juntamente com o seu grupo de prisioneiros de guerra e transportado para as Filipinas (Figura 6), perfazendo um cativeiro de cinco anos e meio, mas nunca recuperando, na totalidade, dos ferimentos sofridos (Foster e Fellman, 2018; Povich, 2009, p. 44)[16].

---

[12] Tradução nossa.
[13] Em 1968 o seu pai foi nomeado para Comandante em chefe das forças norte-americanas no Pacífico, o que o responsabilizava pela conduta da guerra no Vietname. Esta nomeação, não prejudicou a sua atuação no conflito nem tão-pouco a sua capacidade de decisão militar no comando dessa força, apesar de ter o seu filho como prisioneiro de guerra nesse território, tendo os bombardeamentos sobre o território norte-vietnamita aumentado, mesmo sobre a região de Hanói. O seu pai, por diversas vezes, visitou a zona de separação entre o Vietname do Norte e do Sul, sentindo que nesse local estava muito perto do seu filho (Povich, 2009, p. 41).
[14] O seu braço direito foi, novamente, partido, o seu joelho direito piorou e ficou com hematomas na cabeça e nos rins.
[15] Tradução nossa.
[16] John McCain não conseguiu mais levantar os seus braços acima da linha dos ombros (Foster e Fellman, 2018).

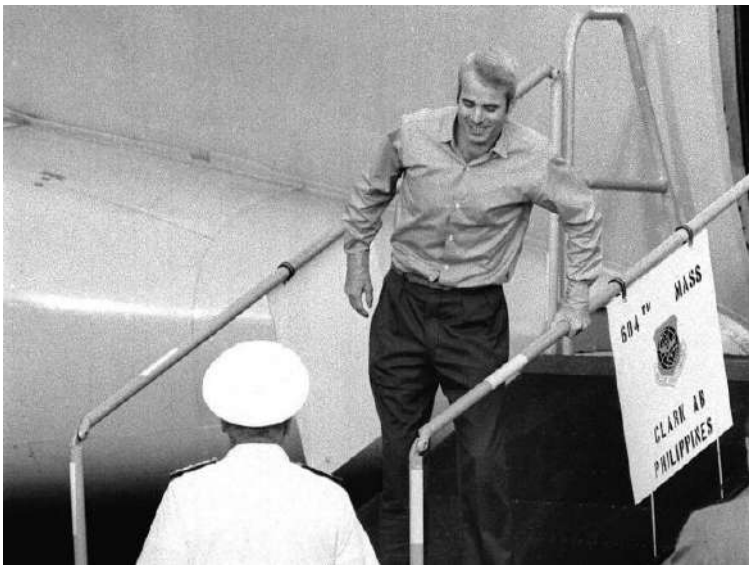

Figura 6 – Foto de John McCain à chegada à Base Aérea Clark, nas Filipinas, após a sua libertação de cinco anos e meio em cativeiro.

Fonte: Foster e Fellman (2018).

6. O VETERANO JOHN McCAIN

Após a sua chegada a solo norte-americano, em Jacksonville, John McCain, com 36 anos de idade, constatou que havia ficado severamente incapacitado para o resto da sua vida, sendo-lhe impossível retomar a função de piloto de qualquer aeronave (Alexander, 2003, p. 80). No entanto, a imagem da "reunião da família McCain" correu os media norte-americanos, passando a pesar a sua incapacidade parcial, aliada à sua vontade em servir o seu país, como mote para procurar um outro lugar para trabalhar.

No *Navy War College*, John McCain, frequentou o curso de promoção a oficial superior durante nove meses, tendo-se estudado sobre a Guerra do Vietname, escrevendo a sua tese subordinada ao código de conduta de prisioneiros de guerra, o que refletiu a sua experiência neste conflito. Nesta tese concluiu que "[…] a guerra não fora injusta, e havia sido mal combatida", criticando os erros cometidos no conflito, em especial por aqueles que tiveram a possibilidade de combater pelo seu país, mas que se resignaram e "ficaram em casa", deixando a culpa desse facto no patamar político, no Congresso, nos serviços do estado e, fundamentalmente, na falta de sentimento patriótico do povo norte-americano (Povich, 2009, p. 49).

Após o fim do curso, em 1974, John McCain foi promovido ao posto de Capitão, tendo sido designado como comandante da Esquadrilha VA 174, com a missão de treinar pilotos de porta-aviões, no *Cecil Field*, em Jacksonville (Alexander, 2003, p. 84). Esta missão foi desempenhada de forma irrepreensível[17], procurando recuperar "[…] o declínio do moral e da prontidão que, temporariamente, afetou os militares após a Guerra do Vietname" (Povich, 2009, p. 51). Com o fim deste período de comando, John McCain, desempenhou uma nova função, como oficial de ligação da Marinha ao Senado

[17] A Esquadrilha VA 174 foi distinguida com a *Meritorious Unit Citation* (Povich, 2009, p. 51).

dos EUA, entre 1977 e 1981, função essa que ditou o seu futuro, cargo que o seu pai, também, havia ocupado[18] (Povich, 2009, p. 53).

Em 1980, John McCain solicitou a passagem à reserva, após compreender que a sua carreira militar havia ficado confinada às possibilidades que a sua capacidade física lhe conferia, pesando as expetativas da sua nova ligação com o mundo da política, na perspetiva de poder, em cargos públicos, conseguir fazer despertar o patriotismo norte-americano (Povich, 2009, p. 58), o qual se encontrava em franco declínio "moral" face ao sentimento de derrota no pós conflito no Vietname. A sua ligação e o apoio dado pelo Partido Republicano, foram o principal catalisador para esse afastamento da carreira militar e para o início da sua carreira política, sendo incentivado e apoiado, de imediato, pelo, então, Governador da Califórnia, Ronald Reagan, o qual tinha o interesse em "ressuscitar "o sentimento patriótico dos norte-americanos, através dos prisioneiros de guerra e, nada melhor, que o exemplo de John McCain para o conseguir.

A partir desse momento, após servir a Marinha e os EUA, John McCain iniciou um percurso político que o catapultou para congressista, senador e, em 2000 e 2008, respetivamente, para candidato à presidência dos EUA, o qual viria a concorrer, durante a eleição republicana, com George W. Bush, e durante a eleição à Casa Branca, com Barack Obama, pese embora tenha sido derrotado por ambos. Apesar das várias críticas a que foi sujeito durante toda a sua carreira política, algumas das quais o designaram como um *Republican in name only*[19], John McCain revelou-se um militar com capacidade de interferência no sistema político norte-americano, granjeando o respeito, a estima e, também, a animosidade e indignação no Senado norte-americano.

A reputação conquistada durante este período da sua carreira política, permitiu-lhe estar presente na defesa de diversas causas mundiais para a paz e estabilidade internacional, face à opressão imposta por regimes autoritários e radicais, tais como no Médio Oriente, especialmente em Israel, no leste europeu, concretamente na Ucrânia, bem como no estabelecimento de boas relações com países que haviam combatido os objetivos dos EUA, como o Vietname.

No seio dos seus compatriotas do Senado e do mundo da política, John McCain foi visto como "um patriota ofuscado por um nacionalismo fervoroso", procurando garantir aos seus concidadãos o "sonho americano" (Baxter, 2018), bem como o entendimento entre republicanos e democratas, no sentido de aproximar e não dividir os norte-americanos (Lohman, 2018).

7. REFLEXÕES SOBRE A VIDA DE JOHN McCAIN

Com base nos factos relatados, importa destacar como a carreira militar de John McCain contribuiu para o seu estatuto político, através da exaltação dos valores militares, tais como o patriotismo, a coragem e a camaradagem, os quais viriam a ser o principal trunfo da sua carreira política, repercutindo-se no centro de decisão dos EUA.

[18] Esta escolha terá sido, fundamentalmente, realizada pela ligação que tinha com o Secretário da Marinha dos EUA, John Warner (Povich, 2009, p. 49).

[19] De entre as várias críticas, são de destacar o seu posicionamento crítico sobre o papel das mulheres na política dos EUA, sobre o Plano Obamacare, sobre a política anti-imigração e isolacionista de Donald Trump, o seu papel na comercialização de armas nos EUA, as suas palavras de teor racista contra cidadãos norte-vietnamitas (facto que o levou a desculpar-se). Apesar da sua personalidade controversa, são de destacar as suas ações contra a tortura conduzida pelos EUA sobre prisioneiros de guerra em Guantánamo, pós 11 de setembro de 2001, o seu voto a favor dos filhos de cidadãos desfavorecidos norte-americanos poderem ter acesso a bolsas de estudo, bem como a tentativa, durante a presidência de Bill Clinton, em 1993, no estabelecimento do fim do embargo dos EUA ao Vietname do Norte (Baxter, 2018).

Em primeiro lugar, podemos deduzir que a carreira militar de John McCain esteve associada a vários dos momentos mais conturbados para a Marinha e para as Forças Armadas dos EUA, durante o período da Guerra Fria, com a sua participação em algumas das principais operações militares, tais como, a crise dos mísseis de Cuba e o conflito no Vietname do Norte. Paralelamente, John McCain esteve presente em alguns dos mais graves desastres ocorridos em navios de guerra e aviões de combate norte-americanos, como no caso do *USS Forrestal*.

Num segundo momento, poder-se-á afirmar que a sua experiência militar foi estruturada sob sólidos princípios e valores éticos e morais, adquiridos durante a sua juventude e durante a sua formação militar, os quais o caracterizaram como militar e revelando-se um expoente multiplicador da sua personalidade, que caracterizou o legado de John McCain como influente político norte-americano. Estas características tiveram um profundo impacto após o fim da sua carreira militar, durante a sua participação cívica como congressista, como senador e como candidato à presidência dos EUA, pela difusão dos valores militares à "comunidade" política do seu país. Este facto serviu como um exemplo do patriotismo norte-americano para o seu povo, face à sua experiência militar como antigo prisioneiro de guerra. O seu irreverente posicionamento consubstanciou-se na defesa dos valores democráticos, pela preservação dos direitos do homem, pela liberdade, pelo respeito pelos veteranos e prisioneiros de guerra, bem como pelos militares norte-americanos em teatros de operações. Estas características sempre se constituíram como a matriz tradicional do povo norte-americano, passando a estar presentes na sua ação quotidiana, através do seu "hastear" como a sua principal bandeira política, enquanto congressista e senador republicano. Decerto que as suas origens militares, provenientes dos fundadores dos EUA, deram-lhe o vigor, a irreverência e a coragem para poder difundir os seus ideais como militar, na defesa da sua pátria e da sociedade norte-americana, em franco declínio "moral", procurando contribuir para alterar esse estado de letargia crescente.

Como o próprio John McCain o reconheceu, a sua família militar, em muito contribuiu para o seu futuro político, sobretudo, durante a sua passagem pelo Congresso dos EUA, como oficial de ligação à Marinha, facto esse que foi patrocinado pela influência de ser o filho do Almirante "Jack" McCain. Mas o seu estatuto foi, ainda, maior pela sua experiência como prisioneiro de guerra em cativeiro, durante a Guerra do Vietname, bem como pelo seu papel ativo na defesa dos interesses dos seus camaradas de armas, dos seus concidadãos e dos EUA, conotando-o como um fervoroso defensor dos interesses dos EUA no exterior do seu território, bem como pela democracia no mundo. Dessa forma, John McCain utilizou o seu estatuto de ex-prisioneiro de guerra para se opor ao sentimento de derrota norte-americana, após o fim do conflito no Vietname, tendo feito tudo o que lhe foi possível no sentido de chegar ao coração e à mente dos norte-americanos, para apoiarem o seu país contra a existência de regimes opressores no mundo.

Foi o exemplo da sua determinação e resignação, como prisioneiro de guerra, perante os violentos atos cometidos pelos norte-vietnamitas à sua dignidade humana, que o destacaram como militar, perante a sua coragem e rebeldia na defesa dos direitos humanos e da liberdade dos povos. Esta atitude custou-lhe um penoso sofrimento, bem como muitas privações à sua dignidade, como foi o exemplo da recusa em ser libertado do cativeiro, mantendo-se com os restantes prisioneiros, algumas vezes em condições de tortura desumana. Esta postura ofuscou um elevado número de políticos e deu um exemplo de vida a diplomatas, congressistas, senadores, secretários de estado e, mesmo, a presidentes dos EUA, bem como a outros estadistas internacionais. As provas de coragem e de abnegação reveladas "em combate", sob condições desumanas, fizeram de John McCain um homem

respeitado, com elevada estima e reputação no ambiente político dos EUA, bem como no plano internacional, como ficou demonstrado na sua despedida do Congresso, em julho de 2017.

A sua participação cívica, em prol dos direitos humanos, não se resumiu ao tempo de serviço militar. Durante o seu período como político, John McCain utilizou o seu estatuto de ex-militar e de político norte-americano para se empenhar na defesa de causas em países da Europa de Leste, após a queda do Muro de Berlim, e no Médio Oriente, em especial no apoio dado ao povo israelita. Entre várias ações, destaca-se, em finais de 2013 e início de 2014, o apadrinhamento de John McCain à revolta protagonizada pelo povo ucraniano contra a ingerência russa na Ucrânia, dando voz aos protestos ucranianos que eclodiram na Praça Maiden, em Kiev, os quais degeneraram na posterior anexação da Crimeia e no conflito latente do Ocidente contra a Rússia, nesta região. Nesse protesto, John McCain tornou-se um acérrimo defensor da liberdade, da igualdade e do sucesso do povo ucraniano, tendo a sua presença simbolizado o apoio norte-americano à luta pela sua independência contra a Rússia de Vladimir Putin (Figura 7). Essa ligação foi considerada tão importante para os ucranianos, ao ponto do próprio regime deste país ter atribuído o nome de John McCain a uma rua da Vila em Krymske, na Ucrânia.

Figura 7 – Foto de John McCain a discursar à multidão ucraniana, junto à Praça Maiden, em Kiev, em 15 de dezembro de 2013.

Fonte: Taylor (2013).

A expressão máxima do seu permanente sentido patriótico e estado de espírito pode ser descrita através de uma frase, na qual, segundo o próprio John McCain, "[…] nada na vida é mais libertador do que um voo por uma causa maior que nós próprios […]" (Eades, 2018)[20]. Neste pressuposto, mesmo perante a "morte anunciada", John McCain escreveu, dias antes de falecer, uma mensagem dirigida ao povo norte-americano, procurando enaltecer para o seu espírito de resiliência e patriotismo, face às "dificuldades dos dias de hoje", exortando para o seu sentimento patriótico pois "[…] os americanos

[20] Tradução nossa.

nunca desistem, nunca se rendem, nunca se escondem da história", mas conseguem fazer a sua própria "história" (Dinis, 2018).

O legado deixado por John McCain para as gerações futuras, reveste-se como um exemplo de cidadania mundial na promoção dos valores do mundo ocidental, procurando cimentar a importância dos valores éticos e morais apreendidos como Oficial das Forças Armadas dos EUA, no mundo atual, os quais se revelam de vital importância para o bem-estar e para a sobrevivência dos povos. A sua influência política e a sua luta patriótica, foram um exemplo para toda a sociedade norte-americana e mundial, ao procurarem abraçar a defesa de causas nobres nos EUA e no mundo, mobilizando a comunidade ocidental e mundial para robustecer a defesa dos ideais democráticos e dos valores civilizacionais contra regimes opressores e totalitários.

Desta forma, a sua influência como Oficial da Marinha dos EUA, embora na reserva, ultrapassou as próprias fronteiras do emprego do instrumento militar norte-americano no exterior do seu território, tornando-se um representante e um "embaixador" na defesa de causas dos EUA, do Ocidente e da civilização mundial.

A presença de John McCain, na política norte-americana, contribuiu para um reforço da ligação entre o poder político e o instrumento militar, em claro alinhamento com a matriz clausewitziana. O peso do seu exemplo moralizou, inclusivamente, militares em circunstâncias idênticas nas guerras em que os EUA combateram em várias partes do mundo e que originaram, à semelhança de todas, prisioneiros de guerra. A imagem "presente" de McCain moralizou, certamente, os momentos de privação de muitos prisioneiros norte-americanos.

8. CONCLUSÕES

O presente artigo constitui-se como um tributo a prestar ao Senador John McCain, falecido em finais de agosto de 2018, ao procurar realçar o seu proeminente papel como "embaixador" norte-americano no mundo, facto que a sua carreira como militar da Marinha dos EUA, na reserva, muito contribuiu, em especial pela sua condição de ex-prisioneiro de guerra, e a qual influenciou gerações de cidadãos norte-americanos.

A sua sólida formação moral, assente em fortes valores éticos, foi patente durante o seu percurso militar, desde a sua formação militar na Marinha dos EUA, tendo-se destacado durante o período em que permaneceu em cativeiro como prisioneiro de guerra. Nessa condição de prisioneiro de guerra, salientou-se pela sua tenaz irreverência e inquietude na defesa dos direitos dos seus concidadãos e camaradas de armas, os quais viviam as agruras do isolamento e da tortura norte-vietnamita. Estas características, bem como o seu temperamento controverso, revelaram-se determinantes durante a sua permanência como prisioneiro de guerra, pela constante luta pelos direitos do homem e pela liberdade dos povos contra regimes opressores, executados pelo sistema comunista do Vietname do Norte, país satélite da União Soviética e da China. A sua abnegação e persistência em seguir o código de conduta utilizado pelos prisioneiros de guerra norte-americanos, durante o seu período de cativeiro, fez dele um exemplo a seguir pelos seus compatriotas e concidadãos, granjeando a estima, o respeito e a consideração de muitos que, à época, consigo partilharam a humilhação, a tortura, a crueldade e a desumanidade.

Foi essa mesma formação cívica, entretanto "transportada" para o ambiente político norte-americano, após a sua libertação do cativeiro e o fim da Guerra do Vietname, estruturada em, ainda mais, robustos valores e princípios éticos, que lhe permitiu granjear o respeito, a consideração e a estima

de políticos de diversos patamares da hierarquia dos EUA, bem como da comunidade internacional. As mazelas físicas resultantes do seu período em cativeiro, não o limitaram na sua ação política, sempre controversa e irreverente, ao procurar enaltecer o sentimento nacionalista norte-americano na sua população, a qual sentia a estagnar patrioticamente, facto que sempre procurou contrariar.

Apesar da sua carreira militar não ter sido considerada, na sua plenitude, como brilhante, face aos inúmeros acidentes aeronáuticos e casos em que esteve envolvido, foram os princípios éticos e morais do Capitão John McCain que o catapultaram para a ribalta mundial, ao enfrentar, politicamente, adversários como George W. Bush e Barack Obama, para uma das funções mais importantes do mundo, a de Presidente dos EUA. A sua experiência militar, como Oficial da Marinha dos EUA, foi o seu principal trunfo como político e ideólogo, da maior potência mundial do final do século XX e início do século XXI, não obstante as suas raízes militares ancestrais e o seu caráter terem contribuído para esse prestígio.

A sua acérrima persistência na defesa dos valores ocidentais, da igualdade dos povos nos séculos XX e XXI, bem como na garantia de oportunidades de todos à educação, ao bem-estar e à liberdade, ficou patente no seu posicionamento na defesa dos países do Leste da Europa, em especial durante a crise de 2013/2014, na Ucrânia, contra a Rússia, e em Israel, contra as ameaças perpetradas pelo mundo muçulmano radical. Esta atuação fora das fronteiras dos EUA, fizeram de John McCain um dos seus principais embaixadores no mundo, contrariando e combatendo o perfil ideológico de alguns opositores, como o do atual Presidente dos EUA, Donald Trump. Ao manifestar a sua discordância e antipatia, mesmo como congressista republicano, John McCain veio, de forma insólita, a recusar a presença do Presidente do EUA no seu funeral, apenas representado por Ivanka Trump e Jared Kushner. Esta sua decisão, mesmo à beira da sua morte, devido a um glioblastoma diagnosticado no cérebro, em 2017, reflete a perseverança, a irreverência e a resiliência de John McCain nos momentos mais críticos e conturbados da sua vida, incluindo nos seus últimos dias de vida, tornando-se um verdadeiro exemplo para estadistas, políticos, diplomatas, empresários, cidadãos e militares, do século XXI.

Os atributos pessoais de John McCain, tais como a sua irreverência, o seu criticismo, a sua resiliência, associados, em parte, ao seu temperamento, revestem-se, nos dias de hoje, como características determinantes a encontrar nos líderes do século XXI, na expetativa de construção de uma sociedade global mais justa, mais equilibrada, igualitária e desprovida de sentimentos totalitários, os quais representaram um modelo não desejável para o futuro. Estas características chocam com o que, nos nossos dias, assistimos no âmbito da "privatização da guerra", onde a perspetiva de obtenção do lucro ultrapassa quaisquer valores morais e éticos, algo impensável nas sociedades do século XXI. Decerto que a existência de líderes com tais atributos poderá levar a uma infleção do rumo do mundo atual, onde o pensamento crítico, a irreverência e a resiliência são características fundamentais para as próximas décadas deste século.

A força central desse sentimento, sempre terá residido na herança genética que transportou consigo durante a sua vida, a mesma que, possivelmente, caracterizou o espírito guerreiro dos norte-americanos desde a Guerra da Independência dos EUA, transportada pelos Young e pelos McCain, e que revelaram o protagonismo deste povo no século XX e no século XXI, na defesa da democracia, do Ocidente e do mundo. O respeito pela liberdade, pelos direitos dos homens e pela indignação contra regimes e sistemas opressores, sempre foram os seus princípios estruturantes, durante a sua luta contra os norte-vietnamitas e os regimes totalitários, durante o século XX e XXI, o mesmo espírito do povo norte-americano, no final do século XVIII, contra os britânicos.

BIBLIOGRAFIA

Alexander, P., 2003. *Man of the People: the life of John McCain.* New Jersey: John Wiley & Sons, Inc..

Baxter, H., 2018. *Why can't anyone be honest about John McCain's legacy?.* [Em Linha] Disponível em: <https://www.independent.co.uk/voices/john-mccain-death-legacy-trump-us-senator-vietnam-war-a8511441.html>, [Consult. em 11 de novembro de 2018].

Burkitt, B., Nowicki , D. e Fritze , J., 2018. *Sen. John McCain burial marked with missing man flyover above U.S. Naval Academy.* [Em Linha] Disponível em: <https://eu.azcentral.com/story/news/politics/arizona/2018/09/02/john-mccain-buried-sunday-us-naval-academy-annapolis/1176843002/>, [Consult. em 08 de outubro de 2018].

Charan, R., 2018. *Six Personality Traits of a Leader.* [Em Linha] Disponível em: <https://www.military.com/veteran-jobs/career-advice/on-the-job/6-traits-for-improved-leadership-skills.html>, [Consult. em 27 de setembro de 2018].

Dinis, R., 2018. *John McCain deixou carta de despedida aos americanos. "Não desesperem, nada é inevitável".* [Em Linha] Disponível em: <https://observador.pt/2018/08/28/john-mccain-deixou-carta-de-despedida-aos-americanos-nao-desesperem-nada-e-inevitavel/>, [Consult. em 26 de setembro de 2018].

Eades, J., 2018. *With 1 Quote John McCain Taught 3 Vital Lessons on What It Means to Be a Leader.* [Em Linha] Disponível em:< https://www.inc.com/john-eades/with-1-quote-john-mccain-taught-3-vital-lessons-on-what-it-means-to-be-a-leader.html>, [Consult. em 25 setembro 2018].

Editors, B., 2018. *John McCain Biography.* [Em Linha] Disponível em: <https://www.biography.com/people/john-mccain-9542249>, [Consult. em 25 de setembro de 2018].

Foster, C. e Fellman, S., 2018. *10 Photos That Capture John McCain's Heroism In Vietnam And His Impact On The Military.* [Em Linha] Disponível em: <https://taskandpurpose.com/john-mccain-vietnam-legacy-photos/>, [Consult. em 23 de setembro de 2018].

Kozar, R., 2002. *John McCain: overcoming adversity.* Philadelphia: Chelsea House Publishers.

Lohman, W., 2018. *The Legacy of John McCain.* [Em Linha] Disponível em: <https://nationalinterest.org/blog/buzz/legacy-john-mccain-29822>, [Consult. em 11 de novembro de 2018].

McCain, J. e Salter, M., 1999. *Faith of My Fathers.* New York: Random House.

NBC, 2018. *McCain reluctant to talk about Vietnam.* [Em Linha] Disponível em: <http://www.nbcnews.com/id/25100176/ns/politics-decision_08/t/mccain-reluctant-talk-about-vietnam/#.W6PDT_ZFx9A>, [Consult. em 23 de setembro de 2018].

Povich, E., 2009. *John McCain: a Biography.* Westport, Connecticut: Greewood Press.

Rasmussen, M., 2006. *The Risk Society at War: Terror, Technology and Strategy in the Twenty-First Century*. 1st ed. Cambridge: Cambridge University Press.

Ross, M., 2018. *John McCain wanted this A-lister to play him as a Vietnam War POW.* [Em Linha] Disponível em: <https://www.mercurynews.com/2018/08/27/john-mccain-wanted-this-a-lister-to-play-him-as-a-vietnam-war-pow/>, [Consult. em 27 de setembro de 2018].

Stripes, S., 2018. *Sen. John McCain faced death as a Navy pilot and survived brutal years as a POW.* [Em Linha] Disponível em: <https://www.stripes.com/news/us/sen-john-mccain-faced-death-as-a-navy-pilot-and-survived-brutal-years-as-a-pow-1.478986>, [Consult. em 25 de setembro de 2018].

Taylor, A., 2013. *John McCain Went To Ukraine And Stood On Stage With A Man Accused Of Being An Anti-Semitic Neo-Nazi.* [Em Linha] Disponível em: <https://www.businessinsider.com/john-mccain-meets-oleh-tyahnybok-in-ukraine-2013-12>, [Consult. em 27 de setembro de 2018].

UN, 1949. *Geneva Convention relative to the Treatment of Prisoners of War.* [Pdf] Disponível em: <http://www.un.org/en/preventgenocide/rwanda/text-images/Geneva_POW.pdf>,[Consult. em 28 de setembro de 2018].

Walton, B., 2018. *Watch: The Tragic Forrestal Fire Analyzed and Hard Lessons Learned.* [Em Linha] Disponível em: <https://www.avgeekery.com/fire-on-the-flight-deck-the-forrestal-fire-yielded-hard-lessons-learned/>, [Consult. em 25 de setembro de 2018].

POSFÁCIO DE AUTOR

Nuno Miguel dos Santos Rosa Calhaço é Major de Artilharia do Exército Português, licenciado em Ciências Militares, com a especialidade de Artilharia, pela Academia Militar, e mestre em História Militar pela Universidade dos Açores. Está habilitado com diversos cursos nacionais de natureza militar. Ao longo da sua carreira exerceu funções de Comando, de Estado-Maior e de Formação em Unidades de Artilharia, do Exército Português, e no Gabinete do Chefe do Estado-Maior do Exército. Desde julho de 2018 está colocado no Instituto Universitário Militar (IUM), como docente do Gabinete de História Militar, da Área de Estudo das Crises e dos Conflitos Armados. É investigador integrado do Centro de Investigação e Desenvolvimento do IUM.